

**Do lugar discursivo ao efeito-leitor:
o funcionamento do discurso em blogs de divulgação científica**

From the discursive place to the reader effect:
the functioning of speech in blogs of scientific discourse

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – BAHIA-BRASIL

RESUMO

Neste artigo, analisamos o funcionamento do *efeito-leitor* no discurso de divulgação científica inscrito nos blogs do *ScienceBlogs Brasil*, com base teórica na Análise do Discurso de filiação pecheuxiana. Pensamos o blog como um objeto político e simbólico. Nessa trama, o efeito-leitor funciona intrinsecamente ao lugar discursivo e à posição-sujeito ocupada, sendo que uma posição-sujeito também é projetada ao leitor. As análises mostram o funcionamento de dois efeitos-leitores dominantes: o *analfabeto-científico* e o *especialista*, os quais determinam o imaginário de ciência divulgada nos blogs: a *ciência-mercadoria* e a *ciência-réqia*, instituindo, assim, a divisão social do trabalho da leitura de arquivos.

PALAVRAS-CHAVE: Blogs. Discurso de divulgação científica. Efeito-leitor. Lugar discursivo.

ABSTRACT

In this article, we analyze the functioning of the reader-effect in the discourse of scientific divulgation inscribed in the blogs of ScienceBlogs Brazil, with theoretical basis in the Discourse Analysis of pecheuxiana affiliation. We think of the blog as a political and symbolic object. In this plot, the reader-effect works, intricately to the discursive place and occupied subject-position,

* Sobre a autora ver página 36.

and a subject position is also designed to the reader. The analyzes show the functioning of two dominant reader-effects: the illiterate-scientific and the specialist, which determine the imaginary of science divulged in the blogs: the merchandise-science and the regal-science, instituting, thus, the social division of the work of the reading of archives.

KEYWORDS: *Blogs. Reader-effect. Discourse of scientific divulgation. Discursive place*

1 Considerações Iniciais

Na era das tecnologias digitais e virtuais, a divulgação científica chega à rede, aos blogs, uma rede eletrônica, mas acima de tudo, uma rede discursiva constituída de muitos fios que se (des) enredam e produz distintos efeitos de sentidos.

O Discurso de Divulgação Científica (DDC) é considerado como resultante da relação estabelecida com o discurso científico e o discurso jornalístico. Orlandi (2001) declara que o DDC é constituído por meio da textualização jornalística do discurso científico e mobiliza gestos de interpretação, não se tratando de uma tradução, já que envolve a mesma língua. Grigoletto (2005) defende que o DDC é um discurso intervalar, cuja constituição envolve um gesto interpretativo e diz respeito a uma (re)atualização do discurso científico, processo que se dá pelo discurso do cotidiano.

O DDC, objeto desta análise, inscreve-se na mídia virtual dos blogs, abrigados no *ScienceBlogs* Brasil¹ (*Sb.br*), de onde efetuamos um recorte para constituir o nosso corpus discursivo.² Pensamos o blog discursivamente, como um espaço político, simbólico, como objeto constituído de opacidade e incompletude. Apresenta alguns elementos distintos em suas condições de produção, a saber: é textualizado pela (multi)mídia digital e pelo discurso da blogagem³, também resulta da relação estabelecida com o discurso jornalístico,

¹ Condomínio de blogs ou blogosfera de divulgação científica, disponível em: <http://scienceblogs.com.br/>. Acesso em 13/01/2013.

² Este trabalho é um recorte da minha Tese de doutoramento (Letras/Linguística), defendida em fevereiro de 2015, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação da Professora Doutora Evandra Grigoletto, a quem muito agradeço pelas preciosas orientações. Agradeço também aos pareceristas pelas alterações sugeridas e por terem recomendado a publicação deste artigo.

³ Noção usada no estudo de Cortes (2015) para caracterizar o discurso produzido nos blogs, onde também circula; diz respeito a um discurso específico, afetado pelo discurso do cotidiano e pelo gênero diário digital.

mas sofre atravessamentos do discurso publicitário, do discurso eletrônico (ORLANDI, 2010) e também do pedagógico. Contudo, não se trata de uma soma de discursos, porque não é um transporte de sentidos de um discurso para outro, como afirma Orlandi (2001), mas um processo discursivo que mobiliza distintos gestos de interpretação.

Nosso objetivo é analisar o funcionamento do *efeito-leitor* no DDC do Sb.br e, para tanto, mobilizamos os pressupostos da Análise do Discurso (AD) de filiação pecheuxiana. Recorrendo-se a Pêcheux ([1969]2010, [1975] 2009), podemos, resumidamente, conceituar a AD como uma nova forma de ler as materialidades; busca estabelecer as relações, conjunções, dissociações, entre as materialidades, visando reconstruir o espaço da memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos. O sujeito, interpelado ideologicamente, afetado pela história e pelo inconsciente, se inscreve na língua, sendo esta constituída da falha, do equívoco. A relação entre a ideologia e a língua afeta a constituição do sujeito e do sentido, que se constituem mutuamente, o que conduz ao entendimento do discurso como efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 2009).

A fim de atingir os objetivos traçados para o presente estudo, mobilizamos quatro categorias de análise **efeito-leitor**, **lugar social**, **lugar discursivo** e **posição-sujeito**. Por meio do mecanismo das antecipações imaginárias, os sujeitos, afetados pela mídia eletrônica, se constituem na movência dos lugares sociais e lugares discursivos, de onde podem ocupar distintas posições-sujeito no discurso. Nesse movimento de lugares e posições-sujeito é que se institui o efeito-leitor, que tanto afeta, quanto é afetado por esses lugares, inclusive pelo lugar da mídia eletrônica e dos blogs.

Segundo Pêcheux, (2009), o efeito-leitor é constitutivo da subjetividade e se caracteriza pelo fato de que, “para que ele se realize, é necessário que as condições de existência deste efeito estejam dissimuladas para o próprio sujeito” (PÊCHEUX, 2009, p. 60). A constituição do efeito-leitor se dá, pois, pelo viés do esquecimento de nº 1, ou seja, pela ilusão necessária do sujeito como fonte de seu dizer e dos sentidos. Orlandi (1988) defende que o efeito leitor se institui relativamente à posição sujeito, mas toma a noção de lugar apenas no sentido de lugar social.

Todavia, às considerações da autora, acrescentamos que o efeito-leitor também funciona articuladamente ao lugar discursivo, uma noção teorizada por Grigoletto (2005). Conforme a autora, a relação estabelecida entre lugar social e lugar discursivo produz alguns efeitos, de modo que um é constitutivo do

outro, portanto, há um duplo efeito de determinação na relação entre lugar social e lugar discursivo. É pelo viés das projeções imaginárias (PÊCHEUX & FUCS, 2010) que os sujeitos passam das situações empíricas para as posições discursivas (ORLANDI, 2012), como também dos lugares sociais para os lugares discursivos.

Nessa trama, o efeito-leitor não somente é produzido a partir de um lugar, melhor dizendo, das relações estabelecidas entre lugar – social e discursivo – e posições-sujeito, como também pode projetar posições-sujeito para o sujeito leitor. Logo, o efeito-leitor, unidade imaginária do sujeito e do sentido lido (ORLANDI, 2001), é também um efeito-sujeito, um efeito-leitura, efeito do jogo de relações, um jogo mobilizado pelas projeções imaginárias, afetadas pelo interdiscurso e pela memória. No entanto, o efeito-leitor projetado pode ser ratificado ou desconstruído; pode haver a cumplicidade ou o confronto, conforme a movimentação dos sujeitos e dos sentidos no discurso.

2 Efeito-leitor intrincado ao movimento discursivo do sujeito-divulgador do *ScienceBlogs Brasil*

A divulgação científica do ScienceBlogs Brasil é realizada predominantemente por sujeitos que ocupam os lugares sociais de **cientistas** e pesquisadores⁴. Mas, além de cientista, esse sujeito também ocupa o lugar social de **divulgador de ciência** em blog, logo, um duplo lugar social, que denominamos de **cientista-blogador**. Esse lugar é também efeito da tensão instaurada entre o espaço empírico, espaço discursivo e *espaço virtual*, sendo que este:

emerge no entremeio do empírico e do discursivo, já que carrega traços tanto do primeiro, quanto do segundo. [...] há, por um lado, *dizeres que só são materializados no virtual*. Por outro lado, esses discursos que podem se materializar tanto no discursivo quanto no virtual possuem características próprias quando inscritos no virtual (GRIGOLETTO, 2011, p. 51-52, grifos meus).

⁴ No quadro teórico da AD não importam os quantitativos nem os lugares e sujeitos empíricos, e sim o funcionamento discursivo; todavia, entendemos que o lugar social afeta o lugar discursivo, como também afeta o sujeito e intervém na produção de sentidos.

As colocações da autora também nos ajudam a entender melhor que, em se tratando do *corpus* desta pesquisa, há dizeres da divulgação científica que são materializados *somente no espaço virtual dos blogs*, pelo viés da inscrição do sujeito no lugar social de blogador, o que nos mostra que a prática discursiva e a prática social trabalham juntas, num contínuo jogo de tensão. Portanto, o deslocamento da divulgação científica para os blogs pode trazer deslocamentos de sentidos. Isso não significa um rompimento com o já instituído, ao contrário, é afetado por ele; mas a textualização e a leitura da divulgação científica praticada no hipertexto online dos blogs envolvem outros aspectos e possibilidades de funcionamento que se tornaram viáveis apenas nessa mídia.

E o leitor potencial desse discurso não é o convencional, mas o *internauta*, leitor de blog que – ao menos potencialmente – é um participante da interlocução da DC por meio dos *posts* dos comentários, nessa nova relação tempo-espaço. E, como assinala Mittmann (2010), é um público leitor bastante variado, que pode ter buscado o site por interesse, mas também pode ter caído na página acidentalmente. Mas nem sempre esse leitor cai “acidentalmente” na rede, às vezes ele é caçado e se torna um leitor “paraquedista”, segundo o jargão da internet, o que intervém na construção dos sentidos e do efeito-leitor, já que, se por um lado existe o leitor paraquedista, do outro lado da tela, encontramos os *caça-paraquedistas*. É o que nos mostra o post ***Blogagem coletiva: cientista também caça paraquedista***, publicado no Blog ***Raio X***⁵, em 26/08/2009. O post destinava-se, *a priori*, aos sujeitos blogadores, é uma convocação à blogagem coletiva, como é possível conferir no trecho seguinte: “O ScienceBlogs Brasil inova e lança uma nova blogagem coletiva na semana de 24 a 29 de agosto [...] A idéia é simples: paraquedista é o visitante que busca algum assunto no Google e acaba caindo no seu blog, em algo que inclusive pode não ter nada a ver.”⁶

O caça-paraquedismo praticado nos blogs é, então, uma estratégia adotada para atrair leitores não especialistas em ciência, como vimos em outro trecho do post: “Pense que você deve converter uma porcentagem dos visitantes, que o texto foi um atrativo para apresentá-los à ciência”⁷. Tal recurso é uma exclusividade da divulgação científica online e funciona como *isca* para

⁵ O *Raio X*, é um blog dos administradores do ScienceBlogs Brasil, que visa a divulgação dos posts mais recentes publicados na blogosfera.

⁶ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/raiox/2009/08/blogagem_coletiva_cientista_ta/>. Acesso em 05/10/2012.

⁷ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/raiox/2009/08/blogagem_coletiva_cientista_ta/>. Acesso em 05/10/2012.

atrair novos visitantes ao blog, leitores que não se relacionam com a ciência, mas são estranhos ao mundo científico, já que serão “apresentados à ciência”. Logo, um leitor construído imaginariamente como leigo em ciência, razão que inclui a **alfabetização científica** como um dos objetivos do *ScienceBlogs Brasil*, como mostra a **SD1**:

SD1 *Sobre* (31/08/2008)

O *ScienceBlogs Brasil* tem o desafio adicional de discutir e popularizar Ciência em um país em desenvolvimento no qual o analfabetismo científico predomina. Trabalhamos para que a comunidade formada em torno do *ScienceBlogs Brasil* atue na dispersão do pensamento científico, e ficamos à disposição para levar à frente projetos e iniciativas quebrando as barreiras que afastam nossa sociedade da Ciência.⁸ (grifos meus)

Conforme a SD1, o ScienceBlogs Brasil tem um triplo desafio: de popularizar a ciência, de *alfabetizar cientificamente* o país (Brasil) e, assim, levá-lo ao desenvolvimento. Ou seja, nessa visão, a ciência, por meio da alfabetização científica, assume o papel de tirar o país de um suposto “subdesenvolvimento” ou atraso, e isto produz um efeito de sentido de ciência “salvacionista” no DDC do Sb.br.

Vejamos um recorte de outro post intitulado: “*Em 2013, não seja um analfabeto científico*”, publicado no Blog *Cognando*, em 31/12/2012:

(SD2) *Em 2013, não seja um analfabeto científico!*⁹

Dezembro é o mês das promessas e do planejamento. [...] Para aproveitar então o clima de promessas, eu tenho uma sugestão: em 2013, não seja um analfabeto científico. [...] Abra o jornal e vai logo ver alguma notícia sobre aquecimento global, ou sobre algum fóssil encontrado em algum lugar, ou sobre uma tal partícula de Higgs descoberta por físicos na Suíça. [...] Mantenha-se

⁸ Disponível em <http://scienceblogs.com.br/sobre/>. Acesso em 13/01/2013.

⁹ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/cognando/2012/12/em-2013-nao-seja-um> - Acesso: 12/04/2013. Para efetuar a distinção entre os grifos dos autores e dos nossos, optamos pelo uso do sublinhado duplo, visto que os grifos dos blogueiros frequentemente são efetuados pelos recursos do **negrito**, sublinha ou *itálico*.

informado da ciência ao seu redor. Ser alfabetizado em ciência é se tornar um cidadão melhor e mais consciente, capaz de opinar e lutar pelo bem-estar da sociedade onde vive. A minha sugestão para 2013 é: Visite mais o site do ScienceBlogs e outros sites de ciência na Internet. [...] (grifos meus)

A ideologia do analfabeto como doença social, por um lado, e da classe dominante oferecendo a suposta cura, por outro, é um pré-construído do discurso pedagógico (DP), pois, historicamente:

Fala-se da “luta contra o analfabetismo” e caracterizam-se, às vezes, as campanhas como “batalhas contra o analfabetismo” [...]. A maior parte dos documentos e declarações de governos e órgãos internacionais emprega reiteradamente, ao referir-se ao analfabetismo, expressões tais como praga, cicatriz, flagelo, enfermidade, vergonha nacional, assim como o termo erradicação, tomando-o também, analogicamente, da terminologia medicopatológica (FERREIRO, 1992, p. 56).

Esse efeito de sentido ressoa também no DDC do Sb.br., ao preconizar que a alfabetização científica vai promover a cidadania e tirar o analfabeto em ciência da sua condição de *incapa*: “Ser alfabetizado em ciência é se tornar um cidadão melhor e mais consciente, capaz de opinar e lutar pelo bem-estar da sociedade onde vive.” Segundo esse discurso, o leitor leigo em ciência não é capaz de pensar, de emitir opiniões, não é um bom cidadão.

No blog *Você que é Biólogo*, encontramos um post denominado *Aproximando os cientistas da sociedade*, publicado no dia 03/09/2012, que também reforça a ideologia da **culpa** do povo pela suposta **incapacidade** de compreender a ciência:



Figura 1. Post Aproximando os cientistas da sociedade¹⁰

SD3 Aproximando os cientistas da sociedade¹¹

O mundo hoje é diferente do que era há 5000 anos. [...] Ainda assim, o que observamos nesse começo de século é uma sociedade cada vez mais distante da ciência. [...] **os cientistas modernos, apesar de todos os nossos meios de comunicação, estão mais isolados do que os cientistas estavam no renascimento. Isso porque a sociedade, em geral, hoje em dia é tão incapaz de entender o que os cientistas fazem como era há 500 anos.** Parte da culpa é dos cientistas. Eles nunca se esforçaram muito para traduzir seus achados para a população. [...] Em nossa defesa, tenho que dizer, mesmo sob o risco de alimentar a imagem arrogante, que não podemos ignorar o fato da ciência ser difícil (sem tirar o mérito de ser Loira do Tchan, que eu também acho difícil), e que o público leigo tem mesmo dificuldade de entender, e que não podemos fazer muito com relação a isso. Em uma sociedade sem mentes preparadas pela educação para entender a ciência, os cientistas continuarão isolados.[...] Precisamos, todos nós cidadãos, e especialmente nós cientistas, enfrentarmos esse problema para aproximarmos a sociedade da ciência. A Internet mudou a forma de fazer entretenimento, jornalismo, negócios e política. Está na hora de usarmos todo esse potencial dessa WEB 2.0 para educar e incluir cientificamente a população. Os blogs são parte importante desse mecanismo. Antigamente o conhecimento produzido por um cientista no laboratório

¹⁰ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/09/aproximar_cientistas_sociedade/>. Acesso em 17/01/2013. A autoria da figura é do próprio blog, pois consiste apenas *PrintScr* da postagem.

¹¹ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/vqeb/2012/09/aproximar_cientistas_sociedade/>. Acesso em 17/01/2013.

percorria um longo caminho até chegar ao estudante na sala de aula. Hoje ele pode, ele próprio, em 3 passos, criar um blog e comunicar-se não apenas com estudantes, mas com TODO MUNDO! No mundo todo! [...] Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga.¹²

A antecipação da leitura e dos sentidos opera-se, na SD3, tendo em vista o efeito-leitor analfabeto em ciência, um “incapaz” de compreender a ciência, sendo esta, afetada pelo efeito-leitor, construída imaginariamente como algo “difícil” (SD3).

Enquanto espaço discursivo, os blogs abrigam também um **lugar discursivo (LD)**, no qual o sujeito do discurso se inscreve. Preconizamos que este LD é o de **porta-voz da ciência**, um lugar que, no discurso do *Sb.br*, deverá ser ocupado **somente** pelo sujeito cientista, como sinaliza a **SD3**: “Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga”. O verbo *traduzir* é aí utilizado em referência à divulgação científica, mas lembramos com Orlandi (2001) que o DDC não é constituído pela tradução do conhecimento, mas envolve gestos de interpretação. Logo, para realizar os gestos de interpretação da ciência para a divulgação, o sujeito divulgador se inscreve no lugar discursivo de **porta-voz** ou *intérprete* da ciência para a população leiga.

Segundo Latour (2000), há caixas-pretas nos laboratórios científicos, caixas que não são abertas a quem está do lado de fora da ciência: “poucas pessoas de fora já penetraram nas atividades internas da ciência e da tecnologia e depois saíram para explicar, a quem continua do lado de fora, de que modo tudo aquilo funciona” (LATOURE, 2000, p. 33). E assim a ciência não fala para quem está fora do seu domínio discursivo, há um confinamento e silenciamento dos seus saberes que são partilhados apenas aos seus pares. Entra, pois, em cena o divulgador do *Sb.br* que se inscreve no LD de porta-voz da ciência para interpretá-la, constituindo, assim, a divulgação científica, cujo público-alvo é o leitor considerado leigo em ciência.

Entretanto, é necessário esclarecer que a noção de porta-voz como um lugar discursivo, no DDC do *Sb.br*, é aqui empregada com deslocamentos, é

¹² Os grifos em negrito são do texto original, porém os grifos sublinhados são meus.

distinta do porta-voz que funciona no discurso político, por exemplo. No campo teórico da AD, a noção de *porta-voz* foi usada nas reflexões de Pêcheux (1990), em sua análise do discurso político da França, como também em trabalhos de outros estudiosos, a exemplo de Indursky (2000) e Rosário (2008). Pêcheux (1990), com base nos estudos de Conein sobre a figura do porta-voz na Revolução francesa, afirma que esta função surge no discurso político em momento de um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição. Segundo o autor:

É neste momento que surge o porta-voz, ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (PÊCHEUX, [1982]1990, p. 17).

Pêcheux ainda acrescenta que, a partir de 1792, os agentes políticos não se reportam mais ao povo, e sim ao porta-voz. Conein, citado por Pêcheux (1990), observa que o dizer do povo nunca aparece no enunciado do porta-voz, dando-se assim o apagamento. Rosário (2008) apresenta um quadro comparativo acerca do porta-voz legítimo e não-legítimo, sendo este último concebido pela autora como “um falso mediador, uma vez que – diferentemente do mediador que preserva e respeita a voz do seu grupo – este usurpa e silencia a voz do grupo que pretensamente representa, substituindo-a pelo que pode e deve ser dito a partir de seu próprio lugar social” (ROSÁRIO, 2008, p. 242). Podemos então, afirmar que no discurso do DDC inscrito nos blogs do *ScienceBlogs Brasil*, objeto desta análise, funciona o porta-voz não-legítimo, já que o cientista, segundo a **SD3**, assume o lugar (discursivo) de **único** intérprete da ciência para acesso desta aos leigos.

Conforme vimos nas considerações de Pêcheux (1990) sobre o discurso político da França, o porta-voz “fala diante dos seus e parlamenta com o adversário”. Todavia, a função de porta-voz enquanto **lugar discursivo**

ocupado pelo sujeito divulgador de ciência no discurso do Sb.br não institui uma relação de negociação, e sim uma relação de **interpretação** da ciência para um leitor construído como um *efeito*, pela antecipação imaginária do leitor considerado incapaz de produzir sentidos no discurso da ciência e, por essa razão, requer um intérprete, um porta-voz.

O lugar discursivo de *porta-voz* no DDC do Sb.br é legitimado pelo imaginário social de *autoridade* conferida pelo lugar social de *cientista*, pois lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente e sofrem efeitos um do outro (GRIGOLETTO, 2005a, 2008). Ademais, o LD de porta-voz também se institui pela prática discursiva da divulgação científica, na qual o sujeito divulgador também se inscreve no lugar social de **blogador**. Nesse processo, produz-se tanto um efeito de distanciamento do cientista da academia, como também um efeito de sua aproximação com a população leiga, pelo viés do blog e da blogagem; são efeitos produzidos pelo duplo lugar social de **cientista-blogador**, que tanto determina como é determinado pelo lugar discursivo de porta-voz ou intérprete da ciência.

Logo, o sujeito cientista não “recebeu” um estatuto legítimo da ciência para exercer a função de porta-voz, mas se apropriou desse estatuto, ao ocupar esse **lugar discursivo**, pelo viés do lugar social de cientista, que o legitima, como mostra a **SD3**: “[...]Antigamente o conhecimento produzido por um cientista no laboratório percorria um longo caminho até chegar ao estudante na sala de aula. [...] Hoje ele pode, ele próprio, em 3 passos, criar um blog e comunicar-se não apenas com estudantes, mas com TODO MUNDO! No mundo todo! Essa é uma tarefa de todos mas principalmente do cientista, porque apenas ele pode traduzir o conhecimento complexo que está sendo produzido dentro dos laboratórios para a população leiga.”

Assim, o sujeito divulgador ocupa o lugar discursivo de *porta-voz*¹³ da ciência, na relação com o efeito-leitor *analfabeto-científico*, de onde também assume a posição-sujeito de *alfabetizador de ciência*, ao tempo em que se projeta também para o leitor *leigo*, a posição-sujeito de *consumidor de informações científicas*.

Todavia, há um segundo leitor-potencial nesse discurso, que é o cientista e pesquisador, o qual, embora não se constitua como o principal público-alvo dos blogs, também frequenta esse espaço.

¹³ A noção de porta-voz, discutida na AD por Pêcheux (1990), Indursky ([1992]2013) e Rosário (2008) sofreu aqui um deslocamento de sentido e funciona como um lugar discursivo (LD); o leitor encontrará uma discussão mais aprofundada do funcionamento do LD de porta-voz na pesquisa de Cortes (2015).

Vejam os um recorte de mais um *post* publicado no blog “*Você que é biólogo*”, em 14/11/2013:

SD4 Um isopor explosivo (ou como enviar amostras com gelo seco pela transportadora)¹⁴

Saio do ostracismo involuntário para tratar de um assunto pouco interessante mas, para você que é pesquisador, de qualquer nível, muito importante: como enviar amostras biológicas preservadas em gelo seco, de um lugar para outro do Brasil, por uma transportadora aérea. [...].

A exclusão do leitor leigo e não-biólogo já se inicia pelo próprio título do blog “*Você que é biólogo*”. Na **SD4**, também está claro que o sujeito cientista-blogador se dirige apenas a *pesquisadores*, já que o assunto em pauta interessa somente a eles: “para você que é pesquisador” [...]. O leitor potencial que se inscreve nesse discurso é o leitor já integrado no circuito da ciência. Logo, projeta-se aqui outro efeito-leitor no DDC do Sb.br, que é o **efeito-leitor especialista**.

Já vimos que o efeito-leitor tanto determina, quanto é determinado pelo lugar discursivo; e assim, na **SD4**, intrinsecamente ao efeito-leitor *especialista*, o sujeito divulgador do DDC irá também ocupar o LD de *pesquisador* e a posição-sujeito *interlocutor de ciência*, sendo que esta mesma posição-sujeito – a de interlocutor de ciência - será também projetada para o leitor cientista, pois o sujeito se dirige a outro efeito-sujeito, que é um de seus pares e não mais ao leitor leigo em ciência.

O efeito-leitor **analfabeto em ciência** e o efeito-leitor **especialista** entram, pois, em confronto e determinam a construção das postagens dos blogs, ou seja, a textualização do discurso, na verdade uma *hipertextualização*, cujos links sinalizam, orientam e podem também determinar as leituras.

3 Considerações finais

¹⁴ Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/vqeb/2013/11/um-isopor-explosiv>. Acesso em 18/01/2014.

Buscamos mostrar, neste estudo, que o efeito-leitor *analfabeto em ciência*, projetado no discurso do sujeito divulgador do DDC do Sb.br, funciona intrinsecamente ao lugar discursivo (LD) de porta-voz da ciência e à posição-sujeito *alfabetizador científico*. Esse efeito-leitor é tanto um efeito-sujeito como um efeito de sentido que nega o espaço da interpretação no discurso de divulgação científica, ao projetar, para o leitor dos blogs do Sb.br, a posição-sujeito de *consumidor de informações científicas*.

Esse leitor é *caçado* e chega, muitas vezes, aos blogs de divulgação científica como paraquedista, portanto, como estranho ao mundo científico. O caça-paraquedismo tanto resulta do efeito-leitor analfabeto em ciência, como também o determina. Um efeito-leitor afetado pelo imaginário do *leitor de massa*, leigo em ciência, a quem também se oferece uma divulgação massificada da ciência.

Por outro lado, do lado de dentro da própria ciência, encontramos o efeito-leitor *especialista*, construído intrinsecamente ao LD de *pesquisador* e à posição-sujeito de *interlocutor de ciência*, sendo esta também a posição-sujeito projetada ao leitor pesquisador e cientista.

Portanto, de forma intrincada aos efeitos-leitores mencionados, temos o funcionamento de um duplo imaginário de ciência no DDC, o imaginário da *ciência-mercadoria* e o imaginário da *ciência-régia* (PÊCHEUX, 2008), o que denuncia a divisão social do trabalho da leitura de arquivos (PÊCHEUX, 2010b), instaurando um jogo de relações contraditórias entre a ciência, a divulgação e os leitores, uma contradição determinada historicamente, já que é na história que se desenvolve o processo de divisão social técnica do trabalho, instituído no confronto de lutas de classes.

REFERÊNCIAS

CORTES, G. R. de O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica**. 267p. Tese (Doutorado). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2015.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. Cortez: São Paulo, 1992.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In.: GRIGOLETTO, E., DE NARDI, F. S., SCHONS, C. R. (Org.). **Discursos em rede: práticas (re)produção**,

movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011, p.47-78.

_____. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. (Org.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua.** Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47-79.

_____. **O Discurso de Divulgação Científica: Um Espaço Discursivo Intervalar.** 269 f. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes.** Campinas-SP, Ed. Da Unicamp, 2ª ed., 2013.

_____. A função enunciativa do porta-voz no discurso do MST. **ALEA: Estudos Neolatinos**, v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2000, p. 17-25.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000, 438 p.

MITTMANN, S. Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas. In.: RIBEIRO, A.E. *et al.* (Org.). **Linguagem, tecnologia e educação.** São Paulo: Petrópolis, 2010, p. 91-102.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** São Paulo: Pontes, 10ª Ed., 2012, 100p.

_____. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade.** *RUA* [online] 2010, nº 16, Volume 2 – ISSN 1413-2109.

_____. **Divulgação Científica e o Efeito Leitor: Uma Política Social Urbana.** In: GUIMARÃES, E.(Org). *Produção e Circulação do Conhecimento: Estado Mídia, Sociedade.* Campinas/SP: Pontes, 2001a, p. 21-30.

_____. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 1988, 118p.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso: (AAD-69). In.: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas-SP: Ed. da Unicamp, [1969]2010a.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, [1982]2010b), p. 49-59.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas-SP: Pontes, 2008.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 19, p. 7-24,

1990.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, [1975]2010.

ROSÁRIO, H M. O sujeito do discurso e a noção de porta-voz na mídia. In: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E. (Org.) **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

*Recebido em novembro de 2016.
Aprovado em dezembro de 2016.*

SOBRE A AUTORA

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes é mestre e doutora em Letras/Linguística pela UFPE. Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
E-mail: cortesgr@gmail.com.